

Hiroshima: interfaces entre jornalismo, discurso e memória

Hiroshima: interfaces entre periodismo, discurso y memoria

Hiroshima: interfaces between journalism, discourse and memory

AYUMI NAKABA SHIBAYAMA¹, CRISELLI MARIA
MONTIPÓ²

Resumo: Este artigo analisa *Hiroshima*, obra de John Hersey, sob três ópticas distintas: jornalismo, discurso e construção de memória e identidade. A justificativa para a escolha deste livro se dá pela sua relevância histórica e sua abordagem única nos impactos da bomba atômica lançada sobre o Japão em 1945. A análise explora o potencial de obras adaptadas, a partir do jornalismo literário, em promover o entendimento e a conscientização pública sobre eventos significativos da história.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Hiroshima; Memória; Discurso; Identidade.

Resumen: Este artículo analiza Hiroshima, obra de John Hersey, desde tres perspectivas distintas: el periodismo, el discurso y la construcción de la memoria y la identidad. La elección de este libro se justifica por su relevancia histórica y su enfoque único acerca de los impactos de la bomba atómica lanzada sobre Japón en 1945. El análisis explora el potencial de las obras adaptadas del periodismo literario para promover la comprensión y la conciencia pública de eventos significativos en la historia.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: ayu.shiba@ufpr.br

² Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná

(UFPR), com bolsa da Fundação Araucária (PR). E-mail: criselli@gmail.com

Palabras clave: Periodismo literario; Hiroshima; Memoria; Discurso; Identidad.

Abstract: This article analyzes John Hersey's Hiroshima from three different perspectives: journalism, discourse, and the construction of memory and identity. The justification for choosing this book is its historical relevance and its unique approach to the impacts of the atomic bomb dropped on Japan in 1945. The analysis explores the potential of works adapted from literary journalism to promote public understanding and awareness of significant events in history.

Keywords: Literary Journalism; Hiroshima; Memory; Discourse; Identity.

Introdução

Em 6 de agosto de 2025 será lembrado o 80º ano da explosão da bomba atômica em Hiroshima, lançada pelos Estados Unidos sobre o Japão, na Segunda Guerra Mundial. O bombardeio e seus efeitos têm sido tema de adaptações ao longo dos anos em diferentes formatos como notícias, documentários, relatos pessoais, livros, filmes e outras manifestações. O evento histórico marcou a primeira utilização de armas nucleares em um conflito armado, causando destruição e perda de mais de 100 mil¹ vidas. Isso gerou um impacto na cultura popular e levou à criação de inúmeras obras que buscam representar, lembrar ou refletir sobre o acontecimento e suas consequências.

Este artigo adota uma abordagem qualitativa (GIL, 2019), de natureza descriptivo-interpretativa, voltada à análise de elementos discursivos e narrativos na obra *Hiroshima*, de John Hersey. A escolha da obra se justifica por sua relevância histórica e por sua abordagem inovadora ao retratar os efeitos humanos da bomba atômica, articulando jornalismo literário (LIMA, 2009; PENA, 2006), literatura (LAGE, 2011; SOUZA, 1991), discurso (CHARAUDEAU, 2010) e memória (POLLAK, 1992). A análise fundamenta-se na compreensão de que o livro-reportagem opera como suporte narrativo e discursivo que viabiliza um espaço de comunicação entre o autor, os sujeitos

¹ “Acredita-se que o número de mortos seja de cerca de 140.000 (com uma margem de erro de 10.000 pessoas)” (CHUGOKU SHIMBUN, 2005-2007).

da narrativa e o público leitor, ampliando o alcance interpretativo do acontecimento histórico.

Hiroshima é o título de um livro originalmente lançado em forma de reportagem na revista *The New Yorker*. O autor, John Hersey, repórter do *The New Yorker*, viajou ao Japão e entrevistou os sobreviventes da catástrofe entre 25 de maio a 12 de junho de 1946. O resultado do trabalho de apuração foi publicado em 31 de agosto de 1946 e ocupou toda a edição impressa da revista, rapidamente esgotada nas bancas. A narrativa focaliza a voz de seis sobreviventes do ataque nuclear. O texto originalmente publicado no periódico foi então adaptado para o formato de livro-reportagem. Logo após a publicação da obra, o Clube do Livro do Mês distribuiu 1 milhão de exemplares aos associados, conforme destaca Suzuki Jr (2002) no posfácio do livro.

Os quatro primeiros capítulos da obra dedicam-se a descrever o custo humano e material do fim da guerra, enquanto o quinto capítulo, escrito quatro décadas depois, conclui o testemunho de seis sobreviventes entrevistados. Além da adaptação para a transposição do conteúdo da apuração jornalística entre formatos distintos (reportagem e livro-reportagem), o autor teve a preocupação em atualizar a narrativa ao agregar os desdobramentos ocorridos na vida das personagens em um longo espaço de tempo. É uma obra narrativa que une o fazer jornalístico à arte da literatura. Envolve o ofício de jornalista por meio da coleta de dados precisos, organização das informações e a responsabilidade de compor uma narrativa com personagens, cenário e enredo. Anos mais tarde, com a criação do site da revista, o material foi disponibilizado na íntegra².

Os efeitos da bomba atômica eram desconhecidos na época, o que levou à desinformação ou, em alguns casos, ao interesse deliberado de ocultar a gravidade das consequências nas cidades atingidas. A função de mensageiro assumida por Hersey permitiu informar uma vasta audiência sobre os eventos ocorridos em um território cujos testemunhos, até então, estavam isolados devido à distância geográfica e às barreiras linguísticas. Deste modo, o artigo apresenta, a seguir, os caminhos metodológicos e as seções de análise sob as óticas do jornalismo literário, do discurso, da memória e identidade.

² HERSEY, John. Hiroshima. *The New Yorker*, 31 ago. 1946. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/1946/08/31/hiroshima>. Acesso em: 18 fev. 2025.

Caminhos metodológicos

De acordo com Gil (2019), a pesquisa qualitativa busca a compreensão aprofundada dos fenômenos sociais, valorizando a interpretação de sentidos e significados a partir da leitura e da contextualização dos dados. O paradigma interpretativista entende que a realidade é construída na interação entre sujeito e objeto, mediada pelo contexto e pela intersubjetividade. O conhecimento, portanto, não é descoberto, mas interpretado a partir da experiência. Assim, teorias científicas são vistas como aparatos simbólicos para dar sentido ao mundo vivido (GIL, 2019). A escolha dessa abordagem justifica-se pelo interesse em compreender como o discurso jornalístico-literário constrói representações da experiência humana diante de um evento histórico.

Seguindo noções da análise do discurso de Charaudeau (2010), é feita uma investigação de como a obra, a partir do livro-reportagem como suporte midiático, estabelece um espaço de comunicação entre o autor, os sujeitos da narrativa e o público leitor. A construção da memória individual e coletiva é abordada à luz das teorias de Pollak (1992), considerando como a narrativa contribui para o entendimento de eventos traumáticos e como colaboram na construção da identidade de um povo. A análise reafirma o potencial do jornalismo literário como forma de promover o entendimento e a conscientização pública sobre eventos significativos da história. Ao integrar essas fontes, o artigo explora a importância da narrativa individual no contexto da catástrofe coletiva, e como essas histórias ajudam a moldar a memória e o discurso em torno de *Hiroshima*.

O corpus da pesquisa corresponde à versão integral do livro, em sua edição em língua portuguesa, com foco na análise das estratégias narrativas utilizadas para representar a experiência das vítimas. A investigação utilizou como procedimento metodológico a leitura interpretativa da obra, com identificação de unidades de sentido relacionadas à construção narrativa e discursiva. Foram observadas estratégias como a focalização nos sobreviventes e o uso de descrições sensoriais e estilísticas que conferem densidade à narrativa. Estas categorias identificadas foram interpretadas à luz dos referenciais teóricos já citados, de jornalismo literário, literatura, discurso e memória. Buscou-se compreender como Hersey, por meio de sua linguagem e estrutura narrativa, reconstrói um evento histórico a partir da experiência de indivíduos comuns, produzindo sentidos éticos, políticos e humanitários.

Com base nas contribuições de Charaudeau (2010), a análise busca compreender os modos pelos quais o discurso se estrutura como prática social e comunicacional. Ao mesmo tempo, recorre-se às reflexões de Pollak (1992) para examinar como a narrativa contribui para a construção da memória individual e coletiva, transformando o testemunho jornalístico em elemento constitutivo da identidade histórica. A partir desse conjunto metodológico, o estudo propõe uma reflexão sobre o potencial do jornalismo literário como forma de mediação discursiva e de construção de significados. Ao integrar diferentes campos teóricos, a pesquisa visa aprofundar o entendimento sobre como a narrativa individual, em contexto de catástrofe coletiva, molda discursos e memórias no imaginário social contemporâneo.

O enredo acontece na cidade de Hiroshima quando, em 6 de agosto de 1945, a bomba atômica chamada “Little Boy” foi lançada no território japonês, durante o período final da Segunda Guerra Mundial. A cidade de Hiroshima se reduziu a pó conforme ilustrado na Figura 1.

Imagen 1: Maquetes da cidade de Hiroshima antes e após a explosão da bomba atômica.



Fonte: Museu da Paz de Hiroshima. Arquivo pessoal da autora (2025)

Depois do clarão silencioso provocado pela bomba, ergueu-se no céu de Hiroshima uma torre de poeira e fragmentos de fissão que caíram do céu como gotas do tamanho de bolas de gude, a chamada “black rain”. Essa “chuva” foi mais um agravante dos efeitos da bomba e expôs à radiação até mesmo as pessoas que estavam longe do epicentro, o local onde a bomba eclodiu. A seguir, são apresentadas as óticas analíticas da obra adaptada.

Sob a ótica do jornalismo literário

Um ano depois do evento, a partir do depoimento de seis sobreviventes, Hersey reconstitui o dia da explosão, inicialmente publicada em forma de reportagem e depois transformada em livro. Segundo Pena (2006), o jornalismo

literário se caracteriza por sete princípios essenciais que formam um conjunto harmônico e profundo. Tal perspectiva potencializa os recursos do jornalismo tradicional, mantém técnicas de apuração rigorosa, observação e ética e desenvolve novas estratégias narrativas. Em seguida, ultrapassa os limites da atualidade e periodicidade, oferece uma visão mais ampla e contextualizada dos fatos, muitas vezes difíceis de obter no espaço limitado de um jornal. Além disso, exige uma abordagem cidadã, com um compromisso com o bem comum e com a formação de um espírito público. Dá maior ênfase à criatividade e ao estilo narrativo, ao invés de seguir fórmulas impostas de objetividade. A busca por novas fontes, além das tradicionais, é essencial, priorizando a inclusão de perspectivas diversas, como as de cidadãos comuns e pontos de vista não abordados. O jornalismo literário se diferencia do jornalismo contemporâneo, uma vez que ele não se prende ao desejo do leitor em consumir os fatos de maneira imediatista. A narrativa do jornalismo literário não cai no esquecimento, ela permanece na memória de quem a lê (PENA, 2006).

Dos procedimentos para apuração de informações, Hersey privilegiou a entrevista. A entrevista, segundo Lage (2001), tem um sentido ambíguo e pode significar “qualquer procedimento de apuração com uma fonte capaz do diálogo” até “uma conversa de duração variável com um personagem notável” (p. 32). O procedimento utilizado para a obra envolveu o segundo modelo. Os personagens são seis sobreviventes da bomba. A explicação de Lage a respeito do tipo de entrevista testemunhal esclarece: “trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que participou ou a que assistiu. A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado, que usualmente, acrescenta suas próprias interpretações” (LAGE, 2001, p. 75). Trata-se também de entrevistas de compreensão que, conforme Lima (2009), constituem-se em uma forma de expressão “dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza” (p. 107). Todas as entrevistas foram coletadas em profundidade, com o intuito de imergir na realidade dos sobreviventes.

O livro apresenta as características de narrativa identificadas por Souza (1999). A começar pelos personagens, a história é centrada em seis figuras principais: Srta. Toshiko Sasaki, Dr. Masakasu Fujii, Sra. Hatsuyo Nakamura, Padre Wilhelm Kleinsorge, Dr. Terufumi Sasaki e Reverendo Kiyoshi Tanimoto. Desse modo, o estilo narrativo de *Hiroshima* também se apropria do perfil

jornalístico, já que está ancorado em narrativas biográficas. Os perfis podem aticar reflexões sobre aspectos universais da existência, como lembra VilasBoas (2003), e tratar de temas como coragem, perdas, entre outras vivências sensíveis, como no caso analisado.

A descrição é outro recurso adotado. O espaço é definido de forma precisa já no primeiro parágrafo: "quando a bomba atômica explodiu sobre Hiroshima..." (HERSEY, 2002, p.7), enquanto o tempo é marcado pela data exata do evento. "No dia 6 de agosto de 1945, precisamente às oito e quinze da manhã, hora do Japão..." (HERSEY, 2002, p. 7), que estabelece o início da narrativa. O enredo se desenvolve a partir desse momento inicial, como exemplificado nas primeiras linhas, que introduzem a rotina da Sra. Toshiko Sasaki: "a Sra. Toshiko Sasaki, funcionária da Fundição de Estanho do Leste da Ásia, acabava de sentar-se à sua mesa, no departamento de pessoal da fábrica..." (HERSEY, 2002, p. 7). O narrador, em terceira pessoa, articula os personagens, o espaço e o tempo, e os apresenta ao leitor, como visto na descrição do Dr. Masakasu Fujii: "Dr. Masakasu Fujii se acomodava para ler o Asahi de Osaka no terraço do seu hospital particular..." (HERSEY, 2002, p. 7). Esse narrador, que combina elementos diretos e indiretos, guia o leitor por um enredo estruturado, mantendo um tom literário, mas sem recorrer à ficção, dado o caráter testemunhal da obra. Como narrador, Hersey adota uma postura de invisibilidade. Embora sua narração se aproxime dos personagens, existe um distanciamento essencial. Seu papel enquanto jornalista-narrador se atém a transmitir os relatos das testemunhas e dar visibilidade às suas experiências. O repórter estabeleceu um diálogo interativo. Construiu a relação entre entrevistador e as pessoas entrevistadas como representante do público, uma espécie de embaixador da audiência, conforme Lima (2009), que busca o caráter testemunhal das circunstâncias sutis dos fatos.

Leite (1985) apresenta em seu livro a teoria das visões na narrativa de Jean Pouillon: a visão por trás, a visão de fora e a visão com. Na visão por trás, "o narrador domina todo um saber sobre a vida do personagem e sobre o seu destino." (LEITE, 1985, p. 20). Na visão de fora, "o narrador limita-se a descrever os acontecimentos, falando do exterior, sem que possamos nos adentrar nos pensamentos, emoções, intenções ou interpretações das personagens" (LEITE, 1985, p. 21). Já na visão com, "o narrador limita-se ao saber da própria personagem sobre si mesma e sobre os acontecimentos.

Renunciando à visão de um Deus que tudo sabe e tudo vê” (LEITE, 1985, p. 20). Este último é o estilo de narração utilizado em *Hiroshima*, um narrador que está ao lado, acompanha as ações e percepções dos personagens.

A narrativa envolve o evento da bomba a partir de vários pontos de vista. O narrador seleciona, ordena e apresenta o enredo intercalando quem, o quê, quando, onde, em discurso direto e indireto (LAGE, p. 84, 2001). Um trecho que exemplifica esse estilo acontece quando o padre Kleinsorge encontra sua maleta de papel machê intacta no meio de destroços.

Mais tarde o padre Kleinsorge interpretou isso como uma intervenção da Divina Providência, até porque a maleta continha seu brevíario, os livros de contabilidade da diocese inteira e uma considerável quantia em dinheiro, que pertencia à missão e estava sob sua responsabilidade. (Hersey, 2002, p. 28)

A crença religiosa pontuada na citação é atribuída ao padre e não ao narrador. Além disso, as ações e falas das personagens evidenciam elementos da cultura japonesa, mesmo em meio ao sofrimento extremo. Entre essas marcas culturais, destacam-se o pedido de ajuda feito com educação, a vergonha de ter sofrido menos que os outros, o silêncio para não incomodar e a demonstração de gratidão, nítidos nos trechos: “A cada duas ou três casas os jesuítas ouviam vozes de indivíduos soterrados e abandonados, que invariavelmente suplicavam, sem esquecer as boas maneiras: ‘Tasukete kure! Socorro, por favor!’” (HERSEY, 2002, p. 34); e também: “Como cristão, compadecia-se daqueles que estavam soterrados; como japonês, não suportava a vergonha de ter sido poupadão. ‘Deus, ajude-os; salve-os do fogo’, rezava” (HERSEY, 2002, p. 36).

Para o padre Kleinsorge, um ocidental, o silêncio no bambual perto do rio, onde centenas de feridos sofriam juntos, foi um dos fatos mais terríveis e espantosos de toda a sua experiência. Ninguém chorava e muito menos gritava de dor; ninguém se queixava; ninguém agonizava ruidosamente; nem as crianças choravam; pouca gente sequer falava. E quando o jesuíta deu de beber a alguns infelizes cujos rostos estavam praticamente desfeitos em função das queimaduras, eles se soergueram e se inclinaram para lhe agradecer. (HERSEY, 2002, p. 43)

A história dos sobreviventes de Hiroshima 40 anos após o bombardeio, ao fim do livro, é apresentada entremeada de testes nucleares. Por um lado, seguem as histórias dos sobreviventes e por outro, na contramão dos relatos, acontecem os eventos relacionados a armas nucleares em diversas partes do planeta. No capítulo final, Hersey explora as consequências do ataque bélico e seu impacto ao longo do tempo, entrelaçando a corrida nuclear com as vidas cotidianas dos sobreviventes, agora chamados de “*hibakusha*” (“pessoas

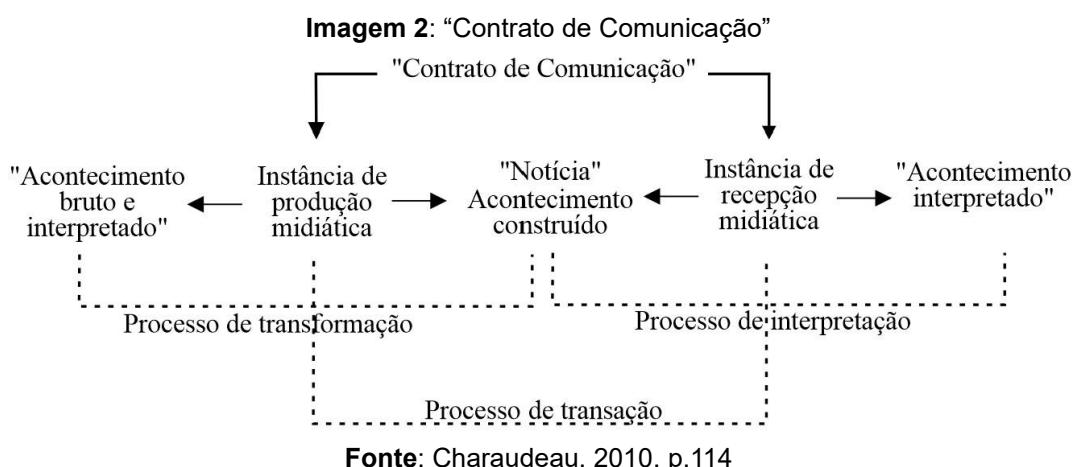
afetadas pela explosão”, em tradução livre). Ele descreve como lidaram com as consequências físicas e psicológicas do bombardeio, contrastando a memória falha de um dos personagens com a memória coletiva, estratégia narrativa que revela seu olhar crítico e pode ser observada na frase final do último capítulo: “Sua memória, como a do mundo, começava a falhar” (HERSEY, 2002, p. 107). O autor conclui a obra com uma reflexão que desafia a aceitação passiva de ideias tão absurdas como a justificativa para o uso da bomba atômica.

Sob ótica do discurso

O discurso é a inserção de um texto em seu contexto (MAINIGUENEAU, CHARAUDEAU, 2004), considerando tanto as condições de produção quanto de recepção (ADAM, 1999), e é orientado pelo propósito do locutor, desenvolvendo-se ao longo do tempo com um fim determinado. Desta forma, todo ato de comunicação ocorre em um contexto físico específico que impõe limitações à sua realização (CHARAUDEAU, 2010). A reportagem, neste caso, transcende o relato de fatos, estabelecendo uma conexão entre os autores das narrativas e o leitor. A forma de mediação do conteúdo, por meio da escrita jornalística, molda a mensagem e influencia seu sentido. O livro, enquanto suporte, estabelece um acordo implícito com o público, criando um espaço de comunicação no qual leitores podem se inserir e interpretar a experiência dos sobreviventes da bomba atômica. Esse entendimento é o que Charaudeau (2004) descreve como contrato de comunicação, uma definição que delinea as condições que tornam a comunicação válida em termos de sentido e entendimento. O contrato de comunicação envolve não apenas a presença de dois sujeitos em uma relação de intersubjetividade, mas também a conformidade com normas e convenções que regulam a troca linguística. Em *Hiroshima*, essa relação é fundamental para a construção do significado, já que Hersey proporciona aos leitores uma experiência de identificação e empatia com os sobreviventes. O relato da tragédia de *Hiroshima* é elaborado a partir do compartilhamento de saberes comuns sobre a devastação causada pela bomba, criando um espaço onde o leitor é capaz de compreender o sofrimento dos entrevistados.

A imprensa, como dispositivo de comunicação, além de um meio de transmitir informações, é um espaço onde a mensagem é moldada pelas características

do próprio suporte. No caso de Hiroshima, inicialmente, a partir da reportagem e depois, em formato de livro, e, mais recentemente também disponibilizado no site do *New Jornal*, esse suporte é a escrita, que permite ao autor configurar o tempo e o espaço de maneira singular. Charaudeau (2010, p. 113) observa que a imprensa envolve uma relação distanciada entre quem escreve e quem lê, o que implica uma conceitualização do mundo feita por ambas as partes. Em *Hiroshima*, Hersey conseguiu, por meio das narrativas, o efeito contrário, de aproximação. Isso pode ser explicado por meio das escolhas do jornalista. Charaudeau (2010) pontua que a comunicação midiática funciona a partir de dois processos interligados: a transformação e a transação. Estes processos se encontram dentro do esquema do contrato midiático de comunicação, ilustrado na Imagem 2:



O “acontecimento bruto” é o “mundo a descrever”, ou seja, o fato ou evento que, inicialmente, é captado pela mídia. A mídia, então, transforma esse fato em “notícia” ou “reportagem”. Isso não significa que o evento é apresentado de forma pura, mas sim que ele é interpretado e moldado de acordo com a perspectiva e critérios da mídia. Esse processo envolve uma construção com base em escolhas de quais aspectos do evento serão destacados, como serão classificados e apresentados ao público. A segunda parte do processo é a “transação”, que se refere à maneira como a mídia constrói o enfoque jornalístico do ponto de vista da interpretação. Ou seja, o processo leva em conta como o público irá compreender e reagir à informação. O objetivo é tornar o relato comprehensível e relevante. Esses dois processos, transformação e transação, não acontecem de forma isolada. Eles estão interligados, pois, enquanto a mídia transforma o acontecimento, ela também está interagindo

com o público, antecipando suas reações e ajustando a comunicação. Essa interação entre transformação e transação ocorre dentro de um “contrato” implícito, ou seja, normas e expectativas que determinam como a informação será encenada e transmitida. O contrato envolve a maneira como a informação é organizada, apresentada e interpretada, guiada pelas expectativas do público e pelas normas jornalísticas. Esse processo duplo reflete como a comunicação midiática não é apenas uma transmissão direta de fatos, mas uma construção complexa de sentido, influenciada pela forma como o fato é tratado pela mídia e como o público o recebe e interpreta.

No contexto do livro *Hiroshima*, o processo toma como ponto de partida o “acontecimento bruto” do bombardeio atômico de Hiroshima, seus efeitos sobre os sobreviventes e transforma não em notícia, mas em reportagem de jornalismo literário, em uma narrativa estruturada. Embora os eventos descritos por Hersey sejam baseados em testemunhos reais, o autor os seleciona, organiza e escolhe um formato que torna a experiência comprehensível e impactante para o público. Não se trata de retransmissão de fatos, pois envolve a seleção de vozes e perspectivas, de modo que leitores sejam capazes de se conectar emocionalmente com as vítimas da tragédia.

A transação está ligada ao modo como Hersey, na posição de narrador, considera a reação e a interpretação do público. Ao centrar a história em torno de sobreviventes e seus relatos pessoais, Hersey adapta o conteúdo para um público ocidental em meados da década de 1940, que provavelmente não tinha uma ideia clara da realidade de Hiroshima e dos efeitos imediatos e duradouros da bomba atômica.

Hiroshima exemplifica o duplo processo de comunicação, no qual, por um lado, o autor transforma o acontecimento para um público específico e, por outro lado, o público recebe e interpreta a mensagem. A transformação do fato em uma narrativa pessoal e detalhada, da transação com o público, busca gerar uma reação emocional e reflexiva, a partir do duplo processo de comunicação que envolve a construção do significado pelo autor e pela interpretação do leitor. O livro se configura como uma obra que informa e provoca reflexão sobre os efeitos devastadores da guerra e sobre a experiência humana diante da tragédia.

A escolha de uma estrutura narrativa para apresentar as histórias dos sobreviventes a respeito da bomba atômica, assim como o estilo de narração,

é bastante diferente de uma notícia como informação. A estrutura da notícia apresentada por Lage (2004) propõe a notícia como uma narrativa em ordem de importância, uma pirâmide invertida, e não por ordem cronológica do acontecimento. Sugere também a utilização do *lead*, primeiro parágrafo da notícia, em que se responde a perguntas básicas: quem, quê, quando, onde, como e por quê. A narrativa e a notícia produzem reações diferentes no leitor. São compostos de estruturas distintas que permitem conhecimento de informações de formas diferentes e servem a objetivos distintos. O discernimento do autor na escolha da forma como escreve enfatiza um caráter envolvente e humano.

A notícia, assim como livros históricos, apresenta os fatos como dados, como estatísticas. Conhecer os fatos apresentados na forma de notícia ou de conteúdo didático em aulas de história não revela a dimensão humana que a obra de Hersey permite acessar. O uso da bomba atômica não é descrito como o lançamento de uma arma sobre uma cidade, resultando em um número significativo de mortos. A história vai além disso, abrange as consequências psicológicas e físicas para os sobreviventes, muitas das quais foram ignoradas pelo resto do mundo. Hersey busca, assim, transformar a percepção dos leitores, instigando-os a enxergar além da narrativa superficial, de números, veiculada pela mídia. O jornalista Matinas Suzuki Jr, no posfácio do livro, ao falar do impacto da obra, explica este ponto: “Humanizando o que havia ocorrido por meio do relato de seis sobreviventes [...] ele aproximou a abstração ameaçadora de uma bomba atômica à experiência cotidiana dos leitores. O horror tinha nome, idade e sexo.” (SUZUKI JR, 2002, p. 168).

A defasagem entre a produção da informação e o momento em que o leitor toma conhecimento dela é uma característica da mídia impressa e, no caso de *Hiroshima*, cria um espaço reflexivo no qual o leitor é capaz de compreender, de forma diferenciada, o impacto do evento e suas repercussões a médio e longo prazos. Como aponta Charaudeau (2010, p. 113), “há um tempo necessário para a fabricação do produto, seguido de um tempo de transporte e, finalmente, o tempo de leitura”, o que resulta em uma diferença temporal entre o acontecimento e a informação recebida pelo público. Em *Hiroshima*, a escrita de Hersey se apresenta como uma forma de evidência, pois oferece um registro duradouro e testemunhal de um acontecimento que, de outra forma, poderia ser esquecido ao longo do tempo.

Sob a ótica da memória e identidade

As obras de caráter testemunhal, ainda que tratem a respeito de guerras diferentes, tem um grande ponto em comum apresentado por Levi (1988), sobrevivente de campo de concentração e autor do livro “É isto um Homem?”. “A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (LEVI, 1988, p. 8). O testemunho de sobreviventes da guerra é uma atividade necessária, da qual depende a sobrevida daqueles que experienciaram uma situação radical de violência e vivenciam a carência de falar sobre o episódio ocorrido. Nesse sentido, a observação de Levi (1988) é perspicaz: “Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação” (LEVI, 1988, p. 8).

A obra de Levi (1988) tem o mesmo caráter de testemunho e o pressuposto se aplica igualmente ao trabalho de Hersey. O resultado é um enredo construído com qualidade literária e sem uso de elementos de ficção, por se tratar de um trabalho de cunho testemunhal. A memória pode parecer um fenômeno individual, algo íntimo e exclusivo de cada pessoa. No entanto, Maurice Halbwachs, nas décadas de 1920 e 1930, destacou que a memória deve ser compreendida também, ou principalmente, como um fenômeno coletivo e social. Ou seja, trata-se de um processo construído coletivamente, sujeito a flutuações, transformações e mudanças constantes (POLLAK, 1992). Os elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva, podem ser compostos por acontecimentos “vividos pessoalmente” e “vividos por tabela” (POLLAK, 1992, p. 2). O primeiro e mais imediato, os acontecimentos vividos pessoalmente, são aqueles que a pessoa experimentou diretamente. Em seguida, os “acontecimentos vividos por tabela” são eventos importantes para um grupo ou coletividade, mas nos quais a pessoa não participou ativamente. Mesmo assim esses acontecimentos podem assumir tal relevância no imaginário coletivo que a pessoa não consegue mais distinguir se esteve ou não envolvida.

Além disso, há os eventos que não pertencem diretamente ao espaço-tempo de uma pessoa ou grupo, mas que, por meio de processos de socialização política e histórica, podem gerar um fenômeno de projeção ou identificação com esse passado. Em casos mais profundos, essa identificação pode ser tão forte

que a memória do passado é praticamente herdada pelas gerações subsequentes: “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.” (POLLAK, 1992, p. 2). Entende-se ser este o caso da memória acessada com o evento de Hiroshima.

No caso da memória coletiva, em *Hiroshima*, a ideia de acontecimentos “vividos por tabela” ganha um caráter marcante. Esses eventos, embora não vividos pessoalmente por todos, têm uma relevância tão significativa que sua memória se inscreve no imaginário coletivo, influenciando as gerações subsequentes como no caso do impacto da bomba atômica. Mesmo sem a vivência direta, a narrativa de Hersey nos permite acessar a memória desses eventos de maneira pessoal, refletindo a dificuldade de distinguir se a pessoa esteve ou não envolvida. A escrita, ao construir um relato sobre Hiroshima, permite que o leitor se conecte com um evento histórico profundo e traumático, uma memória herdada das gerações que sofreram suas consequências.

Além disso, essa memória construída ao longo do tempo também se articula com o conceito de identidade. Em um processo de identificação, como proposto por Pollak (1992), indivíduos e grupos adotam como próprios eventos e experiências que não viveram diretamente, mas que se tornam elementos na construção da sua própria imagem e à forma como querem ser percebidos pelos outros. A memória do evento de *Hiroshima*, por exemplo, não se limita à experiência de uma única geração, mas transcende no tempo, sendo transmitida com forte identificação, em um nível individual e coletivo. Hersey, ao relatar o impacto da bomba, se insere nesse processo de construção de identidade ao conferir voz e imagem a pessoas que, embora distantes dos leitores, se aproximam como parte da memória coletiva. A memória, como fenômeno social e individual, não é estática. Ela é constantemente reformulada, como argumenta Pollak (1992), dependendo do momento histórico e das preocupações contemporâneas que moldam sua interpretação, “podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 5).

A leitura de *Hiroshima* permite uma aproximação com a memória coletiva ao humanizar eventos distantes, inserindo a narrativa no contexto de uma identificação compartilhada, fundamental para a continuidade e coerência de

uma identidade coletiva. Assim, o livro contribui para uma reconstrução da identidade de uma sociedade traumatizada ao revisitar os fatos e atualizar a experiência no transcorrer do tempo, fato que reforça a necessidade de preservação dessa memória para as futuras gerações. Segundo Pollak (1992), na construção da identidade, três elementos são essenciais: a unidade física, a continuidade no tempo e o sentimento de coerência. A unidade física envolve a sensação de ter limites, sejam físicos ou pertencentes a um grupo. A continuidade, tanto física quanto psicológica, se refere à persistência no tempo, mantendo a identidade ao longo dele. O sentimento de coerência envolve a percepção de que os diferentes aspectos que compõem uma pessoa ou grupo estão unificados. Quando há rupturas nesses sentimentos de unidade ou continuidade podem surgir fenômenos patológicos. A memória é vista como fundamental para a identidade, pois é crucial para a continuidade e coerência de um indivíduo ou grupo na reconstrução de si (POLLAK, 1992).

No contexto de *Hiroshima*, esses elementos se tornam particularmente relevantes ao refletir sobre a forma como a memória coletiva do evento atômico impacta na construção da identidade dos sobreviventes e das gerações posteriores. A unidade física, ou o sentimento de pertencimento a um grupo, é algo que Hersey nos mostra de maneira impactante ao retratar as vítimas de Hiroshima. O vínculo entre os sobreviventes e a cidade destruída estabelece uma relação simbólica de identidade concreta com o local do acontecimento, uma relação que ultrapassa a experiência pessoal, conectando-os com um coletivo de vítimas e com a memória do desastre. A continuidade no tempo também é fundamental para a forma como a identidade coletiva é construída após a tragédia. O trauma da bomba atômica não é algo que fica restrito ao momento do evento, mas se prolonga através das gerações, moldando a maneira como o passado é transmitido e reinterpretado. A memória desse acontecimento, que se perpetua tanto fisicamente, por meio dos efeitos da radiação, quanto psicologicamente, pela dor e pelo luto, forma uma linha contínua que vincula o passado ao presente.

É possível identificar a coerência, a ideia de que os elementos constitutivos da identidade se unem para formar uma narrativa consistente. Hersey conta histórias de vida a partir do jornalismo literário e do livro-reportagem que, de acordo com Lima (2009), são instrumentos eficazes para testemunhar o presente, ressignificar o passado e vislumbrar o futuro. A reconstrução da

história dos sobreviventes em diferentes momentos de suas vidas concorre para a coerência de uma identidade coletiva, na medida em que suas palavras e testemunhos unem fragmentos de dor e resistência. A destruição causada pelas bombas lançadas sobre Hiroshima (além de Nagasaki, que também recebeu bombardeios) teve um impacto significativo na identidade japonesa, com ênfase particular nos *hibakushas*. A experiência traumática marcada pelo sofrimento, pela perda e pela resistência, se tornou central na formação da memória coletiva do Japão. Esses sobreviventes, que carregam as cicatrizes físicas e psicológicas da bomba, tornaram-se símbolos vivos de resistência e da luta pela paz, com suas histórias sendo transmitidas de geração em geração.

A memória de Hiroshima (e Nagasaki), mediada pelas experiências dos *hibakushas*, moldou a identidade nacional japonesa, contribuindo para a forte rejeição ao militarismo e à guerra. A experiência levou o Japão a enfatizar a cultura da paz, refletida na Constituição de 1947, que renuncia ao uso da guerra para resolver disputas. Ao mesmo tempo, os *hibakushas* desempenharam um papel fundamental na construção do movimento pacifista japonês que busca preservar a memória dos horrores da bomba atômica e educar as futuras gerações sobre as consequências da guerra. Assim, a identidade japonesa contemporânea, marcada pela luta pela paz, está ligada à vivência e ao testemunho dos *hibakushas*.

Considerações finais

A análise de *Hiroshima*, a partir das perspectivas do jornalismo literário e literatura, do discurso e da construção da memória e identidade, revela a complexidade da obra e sua relevância histórica e cultural. A partir do jornalismo literário, Hersey relata o acontecimento e engaja emocionalmente o público, humanizando os efeitos da bomba. O jornalismo literário, ao articular testemunhos pessoais e memória social, contribui para a construção simbólica da realidade e para o fortalecimento da identidade histórica no imaginário coletivo. Com base nas teorias de Charaudeau (2010) e Pollak (1992), foi possível compreender o discurso como prática social e a narrativa como elemento essencial na formação da memória individual e coletiva. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada no paradigma interpretativista. Esse enfoque valorizou a interpretação dos sentidos

construídos nas narrativas, entendendo o conhecimento como fruto da interação entre sujeito e objeto, mediada pela experiência e pelo contexto (GIL, 2019).

Este estudo explora a importância do jornalismo literário como uma ferramenta para comunicar eventos significativos de maneira profunda e sensível. Além de informar, essa modalidade de jornalismo pode educar e criar uma consciência pública mais crítica, contribuindo para o entendimento e a reflexão sobre questões que definem o curso da história, como a cultura da paz, a proteção dos direitos e da dignidade humana. Assim, *Hiroshima* permanece não apenas como um testemunho do passado, mas também como uma obra que continua a ensinar e a alertar sobre as consequências da violência e da destruição em massa.

Bibliografia

- ADAM, J.-M. **Linguistique textuelle**. Des genres de discours aux textes. Paris: Nathan, 1999.
- CHUGOKU SHIMBUN. Peace Seeds. How many atomic bomb survivors are still living today? 2005-2007.
- Chugoku Shinbun Digital**. [中国新聞デジタル] Disponível em:
https://www.hiroshimapeacemedia.jp/hiroshimakoku/en/exploration/index_20071022.html. Acesso em: 21 fev. 2025.
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**. Brasília: Casa das musas, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. Trad. Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.
- GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 7^a edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2019. HERSEY, John. Hiroshima. 1^a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HERSEY, John. **Hiroshima**. The New Yorker, 31 ago. 1946. Disponível em:
<https://www.newyorker.com/magazine/1946/08/31/hiroshima>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2004.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista em pesquisa jornalística**. 7^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4^a Ed. São Paulo: Manole, 2009.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo, ou, A polêmica em torno da ilusão**. São Paulo: Ática, 1985
- LEVI, Pierre. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MAINGUENEAU, Patrick. CHARAUDEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- SOUZA, Roberto Acízelo. Gêneros literários. **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- SUZUKI JR, Matinas. **Jornalismo com H** (Posfácio). In: HERSEY, J. Hiroshima. 1^a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: **Intercom**, 2006. Disponível em
www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf Acesso em: 21 fev. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Conferência transcrita e traduzida por Monique Augras. Edição de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

Recebido em: 28/02/2025

Aceito em: 18/06/2025